

Imaginário de presidiárias sobre o fenômeno das drogas

Jeane Freitas de Oliveira¹, Andréia Silva Rodrigues²,
Carlos Alberto Porcino³, Maria Júlia de Oliveira Uchôa Reale⁴

¹ Enfermeira, Doutora em Saúde Coletiva. Professora Adjunta da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, BA, Brasil. E-mail: jeanefo@ufba.br.

² Enfermeira, Mestre em Enfermagem. Discente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, nível Doutorado, da UFBA. Salvador, BA, Brasil. E-mail: enfandreiarodrigues@hotmail.com.

³ Psicólogo. Discente do Programa de Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, nível Mestrado, da UFBA. Salvador, BA, Brasil. E-mail: carlosporcino@ig.com.br.

⁴ Psicóloga. Discente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, nível Mestrado, da UFBA. Salvador, BA, Brasil. E-mail: julia_uchoa@hotmail.com.

Recebido: 14/07/2014.

Aceito: 01/10/2015.

Publicado: 31/03/2016.

Como citar esse artigo:

Oliveira JF, Rodrigues AS, Porcino CA, Reale MJOU. Imaginário de presidiárias sobre o fenômeno das drogas. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2016 [acesso em: __/__/__];18:e1154. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v18.31072>.

RESUMO

O envolvimento com drogas constitui principal causa de aprisionamento de mulheres e tem relação com questões de gênero. Pesquisa qualitativa, com o objetivo de conhecer o imaginário de presidiárias sobre drogas. Foram investigadas 26 presidiárias, para as quais foi aplicada a técnica projetiva de desenho-estória com tema, cuja análise foi fundamentada na Teoria das Representações Sociais. Elementos das representações sociais evidenciados nos grafismos e conteúdo das estórias, permeados de realismos, denotaram sofrimento psíquico e agressividade, objetivadas e ancoradas nas dimensões afetiva, comportamental e psicossocial das participantes. O aprisionamento evidencia rebaixamento da estima, retraimento e isolamento sinalizados como motivos para o envolvimento das mulheres com substâncias psicoativas na tentativa de reconhecimento social e superação de carências afetivas. Conclui-se que o imaginário das participantes acerca das drogas elucida subjetividades do protagonismo feminino em meio a um fenômeno transversal na sociedade, sendo pertinente seu conhecimento para as práticas em saúde da mulher.

Descritores: Drogas Ilícitas; Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias; Saúde da Mulher; Enfermagem em Saúde Comunitária.

INTRODUÇÃO

O fenômeno das drogas abrange todas as pessoas nas distintas sociedades variando conforme a cultura, os valores e estereótipos predominantes para cada grupo social. A população feminina,

historicamente susceptível à desigualdades sociais e de gênero, tem sido considerada um grupo vulnerável ao consumo e participação no narcotráfico diante de mudanças no estilo de vida permeado por questões de gênero numa transversalidade com diversas variáveis a exemplo de raça/cor/etnia, classe e geração⁽¹⁾.

A participação de mulheres no uso, posse, tráfico e distribuição de drogas, de forma direta ou indireta, é apontada como um dos aspectos responsável pelo aumento do aprisionamento feminino nas últimas décadas, geralmente como um caminho alternativo para garantir a estabilidade financeira familiar em contextos sociais desfavorecidos⁽²⁾.

Dados epidemiológicos nacionais revelam o aumento do consumo de drogas por mulheres, assim como o crescimento do número de mulheres aprisionadas pelo envolvimento com drogas no território brasileiro⁽³⁻⁴⁾. Estudos acerca de mulheres brasileiras em situação de prisão revelaram que a maioria são jovens, solteiras, com baixa escolaridade e baixa renda familiar mensal^(2,5-6). Ademais, a literatura científica aponta que a participação feminina na criminalidade tem influência do meio sociocultural em que a mulher vive^(2,6-7).

Nesse sentido, considera-se que a ascendência de mulheres envolvidas com drogas está atrelada à subordinação e obediência aos homens⁽⁸⁾, reproduzindo elementos de desigualdades sociais para as mulheres, historicamente construídos. Entretanto, há de se considerar o poder e o status que algumas mulheres adquirem no tráfico de drogas, com a possibilidade, mesmo que transitória e relativa, de saída da invisibilidade característica de suas trajetórias⁽⁹⁾.

O aumento do número de mulheres que consomem e que participam do narcotráfico é tema constantemente abordado na mídia, sendo pertinente a produção científica acerca dessa problemática, sobretudo no que diz respeito à mulheres aprisionadas. O aprisionamento de mulheres é uma ação polêmica que produz discussões e desafios para governantes, formadores políticos e profissionais da saúde, sobretudo quando vinculada ao tráfico de drogas, pois envolvem duas ações social e culturalmente não concebidas para mulheres e, judicialmente, condenada para homens e mulheres.

Ao se considerar o imaginário individual, coletivo e da realidade prática dessas mulheres se remete às representações sociais (RS), as quais estão ligadas a valores, pensamentos e práticas que norteiam os comportamentos dos indivíduos nas relações sociais, sendo expressada por meio de estereótipos, subjetividades, ações, e comunicações entre as pessoas⁽¹⁰⁾.

Nesse sentido, este artigo teve como objetivo conhecer o imaginário de presidiárias sobre drogas. Os dados apresentados têm relevância e originalidade pelo grupo social e técnica de produção de dados adotadas. Sua divulgação visa contribuir para a produção de conhecimento sobre a temática das drogas e a população feminina, buscando fornecer subsídios para compreensão de elementos subjetivos que permeiam o imaginário social de mulheres aprisionadas no tocante ao seu envolvimento com drogas.

MÉTODOS

Os dados apresentados constituem recorte de uma pesquisa qualitativa, fundamentada na Teoria das

Representações Sociais. As RS têm como foco a maneira como os seres humanos compreendem as coisas que os cercam, possibilitando a compreensão e a comunicação do sujeito no mundo e criando teorias do senso comum a partir de suas experiências⁽¹⁰⁾.

A pesquisa foi desenvolvida em uma instituição feminina do Complexo Penitenciário de uma capital do nordeste do Brasil, que visa custodiar mulheres por medidas provisórias e condenadas judicialmente, cumprindo regimes de prisão com penas privativas de liberdade, em regime fechado, semiaberto e aberto. Conta com um quadro de funcionários composto por: agentes penitenciários, funcionários administrativos e da saúde. A equipe de saúde era composta por: uma enfermeira, dois técnicos de enfermagem, uma médica ginecologista, um cirurgião dentista, duas psicólogas, três assistentes sociais.

No período da pesquisa, a Instituição contava com 152 internas. Dessas, 92 foram aprisionadas pelo artigo 33, da Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006, que remete a questões relacionadas às drogas.

A seleção das participantes foi feita mediante critérios de inclusão previamente estabelecidos: estar em situação de prisão devido ao envolvimento com drogas e encontrar-se em estado de saúde física e mental, aparentemente em condições para responder o instrumento de produção dos dados. Diante de tais critérios e de intercorrências comuns ao contexto prisional, tais como greves de funcionários, rebeliões e mutirões da justiça, participaram do estudo 26 mulheres.

A coleta dos dados ocorreu no período de agosto a outubro de 2011, em dias e horários previamente agendados por dirigentes da unidade, atendendo as normas e rotinas institucionais. O acesso às participantes se deu mediante intervenção/indicação da(o)s profissionais que atuavam na equipe de saúde no complexo penitenciário.

Para produção dos dados foi utilizado o desenho-estória (D.E.) com tema. Trata-se de uma técnica projetiva, oriunda da psicologia clínica, que estimula o diálogo e a apreensão do conteúdo latente sobre determinado objeto social. Essa técnica facilita apreender elementos latentes, por meio da projeção temática e gráfica. Sua aplicação, além de possibilitar apreensão de subjetividades vivenciadas no contexto relacional em suas múltiplas facetas, permite a expressão de enunciados atrelados aos fatos e acontecimentos atualizados⁽¹¹⁾.

Para uso da técnica foi oferecido às participantes os seguintes materiais: papel ofício em branco, caixa com lápis de cor, canetas e lápis preto. Após explicação da técnica foi apresentada a questão norteadora: “O que representa a droga para você?”. Nenhuma das participantes apresentou resistência no desenvolvimento do procedimento. A estória foi lida por cada participante com explicações para o desenho.

Para análise do material seguiu-se as seguintes etapas: a) observação sistemática dos desenhos; b) seleção dos desenhos por semelhanças gráficas e/ou aproximação dos temas; c) leitura flutuante das unidades temáticas das estórias; e d) análise e interpretação dos grafismos⁽¹¹⁾.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA), em 25 de abril de 2011, protocolo nº 10/2011 (CONEP - FR 404426). Para garantir o anonimato das participantes foi solicitado às mesmas que indicassem um pseudônimo o qual foi adotado

para identificação ao longo do trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A dinamicidade das RS está atrelada aos grupos sociais que as elaboram e utilizam, neste contexto torna-se relevante caracterizar o grupo investigado, antes de apresentar os resultados obtidos pela aplicação e análise do desenho-estória.

Na tentativa de melhor visualização das estórias elaboradas pelas participantes, foram selecionados os D.E. que mais evidenciaram o imaginário das participantes, sendo que as estórias, seguidas de dados de identificação da autoria, foram digitadas ao lado dos desenhos.

As mulheres investigadas tinham idade entre 18 a 49 anos, sendo predominante a faixa etária de 20 a 29 anos. A maioria tinha nível de escolaridade fundamental incompleto, baixa renda com menos que um salário mínimo (SM), cor autodeclarada parda e preta, eram adeptas da religião católica e procedentes de Salvador e região metropolitana, residindo em casa própria e/ou cedida por familiares antes do aprisionamento. A literatura também aponta essas detentas como jovens negras, chefes de família, com baixa escolaridade, com condições socioeconômicas precárias e possuindo em média dois filhos pequenos⁽²⁾.

Com relação aos aspectos criminais, a maioria era ré primária e se encontrava em regime fechado de aprisionamento. Do total das entrevistadas, mais da metade estava em situação provisória, aguardando julgamento, sentença e/ou transferência para outros presídios. As que foram condenadas tiveram pena que variou entre 5 a 18 anos de prisão. O aprisionamento mostra-se como uma condição que amplia os impactos sociais e de saúde para as mulheres envolvidas com drogas.

Na análise, os símbolos gráficos e o conteúdo das estórias possibilitaram identificar aspectos das dimensões afetiva, comportamental e psicossocial das participantes, dos quais emergiram duas categorias que norteiam a compreensão das produções das participantes – drogas: destruição de laços afetivos e morte como representação social da droga.



Drogas: destruição de laços afetivos

A partir da análise dos desenhos-estórias com tema identificou-se a representação de elementos semelhantes em suas temáticas, ancorados nas esferas psicoafetivas, com sinais de envolvimento emocional que revelaram sentimentos em relação à droga como: tristeza, medo, insegurança e sofrimento. Esses sentimentos aparecem relacionados à ruptura de laços afetivos em decorrência do envolvimento das participantes com as drogas.

Nos D.E do Quadro 1, os elementos casa e pessoas aparecem como centrais e nos permitem inferir que para as participantes a destruição está relacionada ao contexto familiar e social. A casa e as pessoas têm tamanhos destoantes e estão em níveis diferentes, promovendo uma percepção de distanciamento entre o lar e as personagens desenhadas. Essa ideia é reforçada pelas produções textuais, em que o afastamento da família é tratado como tema central, sendo representado como uma destruição permeada pelo sentimento

de tristeza⁽¹²⁾.





Quadro 1: Grafismos e estórias 8 e 25. Salvador, BA, Brasil, 2011.

<p>Um filho e um marido</p> <p>A Droga a minha destruição de um lar. Porque sou assim me sinto muito triste por ter meu lar e minha família destruída por causa dessa droga.</p> 	<p>D.E. 08</p> <p><i>Um filho e um marido</i></p> <p><i>A droga é uma destruição de um lar. Eu mesma me sinto muito triste por ter meu lar e minha família destruída por causa dessa droga.</i></p> <p>Autoria: Déa, 28 anos, união estável, com 1 filho, ensino fundamental completo, morando em casa alugada, renda inferior a um SM.</p>
<p>Hoje eu chorando</p> 	<p>D.E. 21</p> <p><i>Hoje eu chorando</i></p> <p><i>Tudo começou quando uma amiga falou para mim - China, porque você não pega 50g. de pedra que custa R\$1.000,00 você faz R\$2.000,00. Mil é seu e mil é o pagamento. Com o novo mil você pega 25g. e coloca sua própria guia. Aí eu fiz! Depois disso eu peguei 50g. de pó e embalei e comecei a vender no Barradão junto com cerveja e daí sucessivamente. Hoje eu me sinto muito triste por não estar perto de meus filhos, fazendo as atividades que tínhamos costume de fazer e principalmente dar um beijo de boa noite e levar a escola.</i></p> <p>Autoria: China, 30 anos de idade, solteira, com 03 filhos, morava em casa própria, vendedora ambulante, renda inferior à um SM, chefe de família</p>

A mulher ao ser aprisionada é isolada do externo e com isso os laços familiares ficam sob pressão, favorecendo a perda do contato e a ruptura de relacionamentos. A vida na penitenciária exige adaptações constantes em decorrência das experiências promovidas por uma vivência marcada por regras institucionais organizadas para atender demandas prioritariamente masculinas, além da perda de direitos básicos como a maternidade e as relações familiares⁽²⁾. Este isolamento pode trazer impactos para a saúde mental dessas mulheres, bem como, ser prejudicial à futura readaptação das participantes ao convívio em sociedade. Entretanto, deve-se levar em consideração, que a própria situação de privação de liberdade e as tensões, medos, angústias vivenciadas no cotidiano, repercutem nas possibilidades de expressão.

Nos D.E. apresentados no Quadro 2 se observa que as semelhanças tanto pictóricas, quanto temáticas, direciona a representação social da droga para a destruição de pessoas e famílias. No entanto, essa destruição não se encontra relacionada com a finitude.

Quadro 2: Grafismos e estórias 03, 12, 13 e 26. Salvador, BA, Brasil, 2011.

	<p style="text-align: right;">D.E. 03</p> <p><i>A droga leva à destruição</i></p> <p><i>A história começa eu feliz na minha casa. Era mês de natal, meus filhos estavam felizes quando o policial bateu na minha porta perguntando pelo meu filho que morava em cima da minha casa. Eu disse que não sabia. Ele subiu as escadas do meu filho e demorou lá. Minha nora de 14 anos estava lá sozinha e eu, pedi para eu chamar parentes de minha nora. Eu fui. Quando retornei o policial estava com a droga na mão dizendo que era de meu filho. Ele me levou junto com a nora de 14 anos para a delegacia. Lá ele liberou a nora e me trouxe para a 9ª delegacia e depois para o presídio. Depois disso, houve destruição da minha casa, houve a separação dos meus filhos e eu estou aqui até hoje.</i></p> <p>Autoria: Rose, 45 anos, procedente de SSA, solteira, com escolaridade da 4ª série do 1º grau, mãe de 9 filhos, moradora de casa própria e assume a função de chefe de família, com renda familiar inferior à um SM.</p>
	<p style="text-align: right;">D.E. 12</p> <p><i>Diga não para as drogas</i></p> <p><i>A pessoa mexe com drogas. Ela usa a casa dela para guardar a droga para vender. Certo dia ela pegou o carro para transportar a droga de uma cidade para outra. No meio do caminho ela foi parada na blitz e a polícia achou a droga e a pessoa foi presa e ficou sem a casa e o carro.</i></p> <p>Autoria: Pera, uma jovem de 19 anos, de ensino fundamental incompleto, união estável, estudante, com renda inferior à um SM.</p>
	<p style="text-align: right;">D.E. 13</p> <p><i>Menino de rua</i></p> <p><i>A droga representa sofrimento para muita família. A droga veio para matar, roubar e destruir. A sociedade está sofrendo por causa da droga. A droga representa sofrimento pra mim e pra muitos. Tem que acabar. Fim.</i></p> <p>Autoria: Negona, 20 anos de idade, ensino fundamental completo, solteira, um filho, renda inferior a um SM</p>
	<p style="text-align: right;">D.E. 26</p> <p><i>A família sofredora</i></p> <p><i>Era uma vez uma família muito pobre que tinha 02 meninos e a mãe trabalhava na cozinha dos outros, e a mãe não tinha nada para dar aos filhos, e aí, eles se envolveram no tráfico. A mãe sofria muito e eles foram se envolvendo mais ainda. Um dos meninos tomou um tiro na troca de tiros com os policiais e outro menino viu tudo isso e saiu da vida de tráfico e cuidou muito do irmão dele, mas a mãe chorou e o menino arranhou um trabalho para ajudar a mãe e ele começou a trabalhar e foi feliz para sempre.</i></p> <p>Autoria: Diu, 49 anos, ensino fundamental completo, união estável, autônoma, 02 filhos, renda superior inferior a um SM.</p>

Nessa dimensão, a destruição se encontra ancorada nas esferas física e psicoafetiva, ou seja, o fato de encontrarem separadas de seus familiares marca a dimensão física e, por outro lado, a privação de liberdade impactada de modo significativo na esfera psicoafetiva.

Essa perspectiva está bem representada no D.E. 3, em que a casa e a pessoa desenhadas foram riscadas no fim da produção pela participante como sinal de destruição. Ademais, a casa foi desenhada sem indicativos de porta ou janelas, que permitiria contato entre o mundo interno da pessoa (o interior da casa) e o mundo exterior (o ambiente), podendo expressar distanciamento das relações interpessoais e introspecção. A figura humana e a casa são desenhadas fora da circunferência identificada como mundo, fortalecendo a percepção de afastamento, visto que o mundo está fechado, limitado por uma linha contínua, não havendo qualquer sinal de integração entre o sujeito e o ambiente.

Além disso, o fato de o grafismo ter sido produzido apenas com a cor marrom no D.E 3 denota insegurança, inibição e repressão. Essa é a cor preferida de pessoas passivas, indiferentes, observadoras de regras e inseguras⁽¹²⁾.

Nos grafismos e no conteúdo das histórias, de um modo geral, observa-se elementos que traduzem a ideia de destruição ocasionado pelo envolvimento da mulher com as drogas. Esta ideia é permeada pela condição atual de cárcere na qual as mulheres se encontram, remetendo às drogas o motivo para tal situação. Além disso, a destruição é caracterizada pelo afastamento familiar e perdas de bens materiais, muitos dos quais adquiridos com o tráfico de drogas.

Os grafismos 12, 13 e 26, retratam claramente a forma como esse fenômeno impactou a vida das participantes e as semelhanças de situações vivenciadas que culminaram na privação de liberdade. No D.E. 12, a destruição está relacionada a perda de bens materiais e o afastamento dos filhos que gera sofrimento psíquico.

No desenho 13 é retratado uma figura feminina acompanhada de uma criança com expressão de sofrimento e que não tem contato físico. O desenho é simples, feito apenas por lápis preto, sem muitos detalhes, o que pode sugerir dificuldade da participante em entrar em contato com o tema, provavelmente pelo sofrimento causado, como retratado na história. Além disso, a presença da linha de solo na figura humana demonstra preocupação com a realidade e necessidade de saber onde pisa – uma vez que não é essencial à estrutura do desenho. O sorriso aberto – considerando a produção semântica - denota simpatia forçada, afeto inadequado⁽¹²⁻¹³⁾.

O grafismo 26 está retratado através de uma figura feminina chorando, e outra figura de cor preta que se assemelha a uma arma. O traço do desenho foi feito com pouca pressão, o que denota baixo nível de energia, apatia, timidez, insegurança, falta de confiança em si mesma, medo, sentimentos de inadequação e, em alguns casos, repressão dos impulsos⁽¹²⁾. Na produção temática, observa-se que o sentimento de tristeza perpassa toda a história.



O desenho-história das participantes permitiu revelar ideias objetivadas e ancoradas em vivências antes e depois do aprisionamento, atribuindo às drogas RS de objeto de destruição e morte. Nesse caso, a representação social, não cumpre apenas a função relacionada à familiarização com o objeto, mas também a familiaridade com o grupo de pertencimento no que se relaciona a dimensão afetiva pautada pela vivência e experiência que as contingências situacionais possibilitaram. Nas palavras de Moscovici “[...] as representações sociais incitam a nos preocupar ainda mais com as condutas imaginárias e simbólicas na existência comum das coletividades”⁽¹⁴⁾.

Morte como representação social da Droga

Ao se considerar os D.E. 5 e 19 (Quadro 3), observam-se semelhanças significativas tanto nas expressões gráficas, quanto nos conteúdos temáticos das histórias. A partir das respectivas produções, é possível inferir que a morte para o grupo investigado se encontra ancorada nas dimensões físicas e psíquicas,

objetivadas através da figura do caixão, expresso nos desenhos 5, e na imagem de uma cruz, acompanhada de figuras fantasmáticas com fâcies de tristeza e pela presença de lágrimas no desenho 19.

Quadro 3: Grafismos e estórias 05 e 19. Salvador, BA, Brasil, 2011.

	<p style="text-align: center;">D.E. 05</p> <p><i>Druga: o fim de tudo</i></p> <p><i>Essa história começa com uma garota jovem que se envolve com o cara errado que acabou cometendo atos que ela não pode voltar atrás. Ela não teve a sorte que muitos tiveram. Muitas vão parar na cadeia, mas ela acabou perdendo a vida sem ter direito a uma segunda chance. Espero quem tiver vendo essa historinha não cometa o mesmo erro dessa jovem. Eu cometi, mas eu não estou morta. Estou na cadeia longe dos meus filhos e da minha família. Não é a morte, mas ainda assim não é bom. Mas, eu agradeço a Deus todos os dias por estar viva e não morta como essa menina.</i></p> <p>Autoria: Rebeca (D.E 05), 26 anos de idade, ensino fundamental incompleto, união estável, 02 filhos, renda inferior a um SM.</p>
	<p style="text-align: center;">D.E. 19</p> <p><i>Não use drogas nem trafique</i></p> <p><i>Este homem está morto. Não use drogas, ela mata. Quem nunca experimentou não experimente. Ela só leva a dois caminhos: cadeia ou morte.</i></p> <p>Autoria: Mili, 19 anos de idade, ensino fundamental incompleto, solteira, 02 filhos, renda inferior a um SM.</p>

O caixão que aparece no D.E. 5 faz uma referência direta à morte, sendo atribuída à droga a responsabilidade pelo término da vida. A figura humana desenhada dentro do caixão, coberta por flores vermelhas, remete a um sepultamento. A cor vermelha das flores que preenchem o caixão, reforça a presença de questões emocionais atreladas a uma situação de perda ou em processo de elaboração de luto. E, por ser o vermelho considerado símbolo fundamental do princípio da vida em função de sua associação com o sangue, é possível conceber que questões relacionadas a uma situação de perda faça parte de um passado remoto. Nesse aspecto, a produção escrita vem corroborar com essa interpretação.

No grafismo 19, o traçado do desenho demonstra pressão em sua realização e a ausência de mãos e dedos, configurando uma amputação, são reveladores de impulsos agressivos reprimidos. A morte está representada por uma cruz em vermelho, o que possibilita inferir que se trata de uma situação de perda de ente querido e o vermelho faz pensar que se trata de um sofrimento físico e psíquico de modo intenso. A presença de uma figura feminina ao lado dessa cruz, em lágrimas grafadas em vermelho reitera ainda mais o nível intenso do sofrimento vivenciado. Fato observado através da produção escrita.

Além dessa projeção da morte para a representação social da droga por presidiárias, as grades utilizadas nos desenhos 11 e 15 denotam a privação da liberdade e representam uma forma de morte das participantes. Nota-se nesses desenhos-estórias com tema a predominância de cor preta, denotando tristeza, ansiedade, temor, retraimento e inadaptação ao local em que atualmente se encontram. O tamanho das figuras fantasmáticas nos grafismos retrata autoestima rebaixada atrelada à percepção de não fazer parte daquele contexto, muito embora a realidade seja outra (Quadro 4).

Quadro 4: Grafismos e estórias 11 e 15. Salvador, BA, Brasil, 2011.

	<p style="text-align: right;">D.E. 11</p> <p><i>Um caminho de escolha</i></p> <p><i>Maria foi seduzida pelo mundo das drogas, perdeu praticamente tudo que possuía, foi presa e foi dada a oportunidade para ela voltar para seu lar, para o seio da sua família e buscar ajuda espiritual na igreja da sua comunidade. Porém, caso não acertasse seu caminho era a morte. Pois, a droga nada mais é do que um caminho que se não souber aproveitar a oportunidade que foi dada, leva à morte.</i></p> <p>Autoria: Irmã Cleide, 29 anos, branca, solteira, ensino fundamental incompleto, dona de casa, ré primária, renda inferior a 01 SM.</p>
	<p style="text-align: right;">D.E. 15</p> <p><i>Necessidade de vida</i></p> <p><i>Por necessidade eu aluguei minha casa para um traficante e depois eu mesmo resolvi vender droga como eu sabia fazer a pedra eu fiquei conhecida como "Lili do pó" e a fome me trouxe até aqui. Fui presa com 17kg de pasta base e pequei 18 anos e 09 meses. Essa história termina aqui.</i></p> <p>Autoria: Lili, 41 anos, parda, ensino fundamental incompleto, união estável, 03 filhos, renda inferior a 01 SM.</p>

Convém pontuar que não privilegiamos descrições globais e nem levantamentos que contemplem a dinâmica da personalidade. Ao contrário, priorizamos a determinação de pontos relevantes, em consonância com a problemática em estudo⁽¹⁵⁾. Acerca das semelhanças inconscientes, existe a possibilidade de determinar as características inconscientes desses grupamentos por meio da técnica projetiva do D.E. aos componentes dos respectivos grupos de pertencimentos. Afinal, os aspectos inconscientes em comum tendem a destacar-se, caso tomemos como sujeitos pessoas que vivenciam problemas em comum⁽¹⁵⁾.

As respectivas representações dimensionadas figuraram nas produções de grafismos permeados de realismos, denotando uma carga elevada de sofrimento psíquico e agressividade. Além disso, há evidência de rebaixamento da estima, retraimento e isolamento, sugestivos de humor deprimido decorrente do ajustamento à privação de liberdade, situação que gera impacto não apenas no ciclo familiar como no fluxo de vida, estimulando o surgimento de uma crise existencial.

A representação da droga como objeto de destruição e morte aparece objetivada em situações vivenciadas pelas entrevistadas, tais como: afastamento do núcleo familiar, rompimento de laços afetivos e desesperança de retorno ao contexto de vida anterior ao aprisionamento. O caixão, a cruz, o cemitério e o buraco negro se configuram em símbolos gráficos que revelam a ancoragem dessas representações nas esferas psíquicas e afetivas das participantes.

As representações sociais são elaboradas a partir da realidade social, pois são voltadas a fenômenos decorrentes de construções sociais⁽¹⁶⁾. Assim sendo, os achados evidenciam as RS das detentas, considerando que estas são elaboradas a partir das suas vivências conforme seu envolvimento com drogas em meio ao contexto social em que partilham conhecimento e experiência.

CONCLUSÃO

A partir do desenho-estória com tema, a droga como objeto de representação social foi ancorada nas dimensões afetiva, comportamental e psicossocial, expressando as representações oriundas de produções escritas e verbalizações das participantes. Por meio dos grafismos, observam-se características inconscientes de modo coletivo, em função de pertencerem circunstancialmente a um grupamento específico, que é o de mulheres em situação de privação de liberdade.

O imaginário das detentas acerca das drogas elucida subjetividades do protagonismo feminino em meio a um fenômeno transversal na sociedade, sendo pertinente seu conhecimento para as práticas em saúde da mulher. Os desenhos-estórias evidenciaram o papel de destaque que as mulheres desempenham no fenômeno das drogas, demarcado pelo consumo e pelo envolvimento com o narcotráfico, decorrentes de novas experiências ou como fuga de problemas existenciais.

O objeto “droga” foi apreendido como um elemento negativo e intrinsecamente relacionado à morte. Nesse aspecto, a representação se constitui também como um saber local, ou seja, é instituída e imposta ao grupo de pertencimento, geralmente, subordinada a experiência como vivência subjetiva nos moldes de categorias socialmente construídas e compartilhadas.

Acessar as RS acerca do fenômeno das drogas sob a perspectiva de mulheres em situação prisional possibilita compreender os modos pelos quais essas mulheres criam e interpretam essa problemática. Além disso, foi possível cotejar a forma como simbolizam, prolongando-se para além das dimensões físicas e psicoafetivas, buscando identificar os impactos mais relevantes para a sua saúde.

Assim, tais aspectos suscitam a inspiração de questões para futuras pesquisas e/ou desdobramentos. A carga afetiva é uma delas, em função de perpassar a experiência/vivência por ocasião da condição de aprisionamento pelo envolvimento com as drogas que, como se vê aqui, assume ideia eminentemente negativa por sua associação com a morte, o que se configura numa marca, para o grupo de mulheres nessa condição.

Agradecimentos

- À equipe do Complexo Penitenciário Feminino de Salvador pelo apoio no desenvolvimento da pesquisa;
- À Enf. Msc Vanessa Moreira pela aplicação do desenho-estória com tema;
- À Prof^a Evanilda Carvalho pelo incentivo para elaboração deste artigo.

Financiamento

Ao CNPq pelo financiamento do projeto “Protagonismo feminino no fenômeno das drogas e impactos sobre a saúde das mulheres”, através do edital MCT/CNPq/SPM-PR/MDA Nº 020/2010, para desenvolvimento no período de 2010-2012.

REFERÊNCIAS

1. Fonseca RMGS. Gênero e saúde da mulher: uma releitura do processo saúde doença das mulheres. In: Fernandes RAQ, Narchi NZ. Enfermagem e saúde da mulher. São Paulo: Manole; 2012. p. 30-68.
2. Moreira VSM. Impactos do envolvimento de mulheres presidiárias com o fenômeno das drogas [dissertação]. Salvador: Escola de Enfermagem/UFBA; 2012.
3. Oliveira LV, Costa GMC, Medeiros KKAS, Cavalcanti AL. Epidemiological profile of female detainees in the Brazilian state of Paraíba: a descriptive study. Online Brazilian J Nurs [Internet]. 2013 [acesso em: 31 Mar. 2016];12(4):892-901. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/1676-4285.20134284>.
4. Tavares GP, Almeida RMM. Violência, dependência química e transtornos mentais em presidiários. Estud. psicol. (Campinas) [Internet]. 2010 [acesso em: 31 Mar. 2016];27(4):545-52. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2010000400012>.
5. Nicolau AIO, Ribeiro SS, Lessa PRA, Monte AS, Ferreira RCN, Pinheiro AKB. A picture of the socioeconomic and sexual reality of women prisoners. Acta Paul Enferm [Internet]. 2012 [acesso em: 31 Mar. 2016];25(3):386-92. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002012000300011>.
6. Scherer ZAP, Scherer EA, Nascimento AD, Ragozo FD. Perfil sociodemográfico e história penal da população encarcerada de uma penitenciária feminina do interior do estado de São Paulo. SMAD Rev Eletrônica Saúde Ment Álcool e Drog (Edição em Port [Internet]. 2011 [acesso em: 31 Mar. 2016];7(2):55-62. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v7i2p55-62>.
7. Almeida GCM, Ferreira MÂF. Saúde bucal no contexto do Programa Saúde da Família: práticas de prevenção orientadas ao indivíduo e ao coletivo. Cad Saude Publica [Internet]. 2008 [acesso em: 31 Mar. 2016];24(9):2131-40. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2008000900019>.
8. Faria AAC, Barros VA. Tráfico de drogas: uma opção entre escolhas escassas. Psicol. Soc. [Internet]. 2011 [acesso em: 31 Mar. 2016];23(3):536-44. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000300011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt.
9. Presidência da República. Gabinete de Segurança Institucional. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Relatório brasileiro sobre drogas [Internet]. Brasília: SENAD; 2009 [acesso em: 31 Mar. 2016]. Disponível em: <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Relatorios/328379.pdf>.
10. Barcinski M. Mulheres no tráfico de drogas: a criminalidade como estratégia de saída da invisibilidade social feminina. Context Clínicos [Internet]. 2012 [acesso em: 31 Mar. 2016];5(1):52-61. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2012.51.06>.
11. Moscovici S. Psicologia social. Representações sociais: investigações em psicologia social. 10st ed. Rio de Janeiro: Vozes; 2013.
12. Coutinho MPL, Serafim RCNS, Araújo LS. A aplicabilidade do desenho-estória com tema no campo da pesquisa. In: Coutinho, MPL; Saraiva, ERA. Métodos de pesquisa em psicologia social: perspectivas qualitativas e quantitativas. João Pessoa: Editora Universitária; 2011. p. 205-50.
13. Hammer, EF. Aplicações clínicas dos desenhos projetivos. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1991. 500 p.
14. Buck. JN. H-T-P: casa-árvore-pessoa, técnica projetiva de desenho: guia de interpretação. 2ª ed. São Paulo: Vetor; 2009. 70 p.
15. Moscovici S. Psicologia social. A psicanálise, sua imagem e seu público. 1ª ed. Petrópolis: Vozes; 2012. 456 p.
16. Trinca W, Martão MIS. Um modelo de pesquisa qualitativa com a utilização do procedimento de desenhos-estórias. In: Trinca W. Procedimentos de desenhos-estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões. São Paulo: Vetor; 2013. p. 219-30.
17. Jovchelocitch S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: Guareschi PA, Jovchelocitch S. Textos em representações sociais. Rio de Janeiro: Vozes; 2013. p. 53-70.